

Sobre João Paulo Borges Coelho, *As Duas Sombras do Rio*¹

Alberto Carvalho
Faculdade de Letras de Lisboa
(2003)

“É afinal tão simples a história deste rio. Tão simples e, todavia, levou séculos a desenrolar-se pois os deuses gostam de contá-la devagar [...]”

João Paulo Borges Coelho, *As Duas Sombras do Rio*. p. 260.

Apresentar uma obra constitui uma tarefa que não obedece a cânones otimizados, por mais flexíveis que se dêem a ver, sendo porém certo que nem por isso deixa de ter a função de caracterizar a obra para suscitar a curiosidade dos leitores

Neste sentido, vale a pena privilegiar a pedagogia da compreensão do texto, a fim de acrescentar ao prazer da leitura o entendimento da mensagem, do sentido, mas ainda do texto como mensagem, como objecto que se pretende singularizar.

Se este livro não pertence ao género de ficção futurista terá de exprimir o seu tempo e o seu espaço, facto que implica a contextualização, dar sentido direccional à explicação, justificar a obra, aguçando o desejo de conhecer a história.

Atendendo à quantidade e qualidade dos referentes postos em circulação no corpo do texto, algumas questões devem ser colocadas quanto ao tempo histórico e quanto à estética entendida do ponto de vista da imaginação da escrita.

Um Autor moçambicano e um conteúdo textual repleto de referentes geográficos moçambicanos implicam um devir que liga o presente da escrita ao pretérito, ao tempo das ideologias coloniais que, no caso que interessa a Moçambique, tinha de particular o zelo do regime quanto à confiscação da História (portuguesa e africana).

Sem cuidarmos do lugar onde as coisas se situam, é um facto empiricamente provado que, em reacção a esse confiscar da História, logo após 1974 desencadeou-se uma explosão de interesse por essa área. No plano público o processo desenvolveu-se por etapas preferenciais, primeiro surgiram as Biografias históricas, poucos anos depois, o ensaísmo historiográfico e, logo depois, a ficção histórica, para tanto basta que nos

¹ Lisboa, Caminho, 2003.

lembramos de Autores como Agustina Bessa Luís, Olga Gonçalves, José Saramago, Fernando Campos.

Nenhuma novidade, portanto, se pensarmos que o fascínio pela História tem raízes que mergulham no século XIX romântico, ressalvadas as diferenças de época. Posta assim a questão temos de invocar Luckacs, o romance histórico e a teoria do romance que aí se agrega. Com a ajuda de Michelet pode-se dizer que as fontes medievais tinham duas funções de interesse sucessivo. Primeiro, o primado das linhagens garantia os privilégios da nobreza e da aristocracia. Depois, com a Revolução Francesa, descobria-se o que durante séculos havia sido sonogado pela metodologia da História, que o povo também era um protagonista da História (como bem demonstrou Fernão Lopes).

Sair do domínio do Ancien Régime para o moderno tem por correlato, segundo a Teoria do Romance, de Luckacs, a passagem da épica para o romanesco, bem como a entrada na crise do protagonista da história ficcionada. No virar da página histórica do clássico para o moderno, o protagonista ainda é herói (dito clássico), mas já lhe falta a legitimidade representativa dos valores dominantes em crise, ainda é herói mas ainda não é personagem burguesa. Ao mesmo tempo, já é personagem, mas não sabe como assumir valores, nem quais valores assumir. Daí alguns dos fundamentos para ser dito “herói problemático”

Na evolução do conceito de herói (objectivamente representante dos valores mais expressivos do sistema) para o de personagem (subjectivamente individualizada pelo relativismo dos valores) entram em jogo mudanças que correspondem á passagem da narrativa mista épica (de variantes formais e semânticas canonizadas), para a narrativa dita romance, sem nenhuma forma que possa valer como referência, quer no séc.. XIX, quer nos sécs.. XX e XXI. Nos tempos que correm surgem romances extensos, como no passado, do mesmo modo que outros não são, muitas vezes, mais extensos do que uma novela do séc. XIX.

O texto de que nos ocupamos ronda as duzentas e cinquenta páginas, bem maior do que outros que também são acompanhados da designação “romance”. Aliás, o género “romance” beneficia hoje de um crescendo em valor de mercado (ao contrário do que se pode observar no género “poesia”), muito mais dependente das estratégias editoriais do que da preocupação do Autor principalmente vinculado à textualização romanesca de um assunto determinado.

João Paulo Borges Coelho é o Autor de *As duas Sombras do Rio*, romance dito na capa ser de Autor moçambicano. A partir dessa informação podemos formular várias questões, alheados da questão relativa ao cânone da narrativa moçambicana ainda em fase etária juvenil.

Como referimos, os romancistas em geral ficionam a história, alguns o fazem em Moçambique, mas creio que em nenhum caso com a intenção (deselegante, aliás) de substituírem os historiadores, como pretendem os adeptos dos “estudos pós-coloniais”, esquecidos da condição da História como ciência. Mas não parece haver dúvida quanto ao mérito historiográfico da literatura no que toca ao alargamento dos horizontes do objecto História e à humanização dos seus protagonistas, nivelados pela bitola popular. Razão pois para se dizer que Camões fez mais pela divulgação pública da História da viagem marítima dos portugueses até à Índia do que os historiadores.

Mas o problema reside no facto particular de João Paulo Borges Coelho proceder à subversão da *praxis*, por se tratar de um historiador ocupado no “métier” de escritor. Conhecemos dos estudos de Paul Ricoeur sobre o discurso da narrativa o que convém ao historiador (da História) e ao ficcionista (da história). Ambos obedecem ao “como se” estivessem lá no terreno dos acontecimento, sendo porém certo que quando o historiador se torna romancista não pode deixar de ser infiel ao método e à objectividade documental, inventando o que mais lhe convém, se não por omnisciência, pelo menos por uma omnipresença sem álibis de disfarce (o historiador tem por álibi de disfarce a ostentação da fonte documental).

Na badana do livro pode-se ler:

Esta é uma história feita de histórias entretecidas. Histórias de guerra e de sobrevivência [...]. É também uma história de divisões: divisões entre a memória e o presente, entre os deuses e os homens, entre os homens eles próprios. Divisões que crescem no espaço da grande divisão que o majestoso rio Zambeze cavou separando o mundo da cobra feminina [...] e o mundo do leão masculino [...]. Por isso sofre tanto, dividido, sem se encontrar, o pobre Leónidas Ntsato, que tem apelido de cobra mas a quem o pai deu nome de leão. E por isso se afadigam tanto os curandeiros, pedindo aos deuses que deixem voltar a ser um só (*As Duas Sombras do Rio*, primeira badana).

Justifica-se a longa citação pelo interesse da ideia de “divisão” e dos sentidos que nela se implicam, ou dos sentidos em que o universo de referência representado pode ser concebido. No país de referência Moçambique, de geografia alongada Norte-Sul, a hidrografia do Zambeze traça um sulco Leste-Oeste que sugere uma retórica de dupla interpretação. Como metonímia, os espaços são contíguos, “divididos”, separados pelo

majestoso Zambeze, ao passo que como sinédoque esses mesmos espaços encontram-se “reunidos” numa totalidade espacial maior.

O que se passa no livro, passa-se no que a história desenvolve, no que o narrador da história conta e no que o autor disseminado no texto vai insinuando, não no que disse mas no que quis dizer. Além de outros, um dos aspectos discursivos interditos ao Historiador Borges Coelho, mas legitimado no escritor Borges Coelho, reside nesta diferença lapidar: o Historiador só quer dizer aquilo que diz; o escritor quer dizer o que diz e, de preferência, muito mais do que aquilo que diz, v.g., o que fica conotado.

Transpondo esta questão para o romance, logo se vê que o título *As Duas Sombras do Rio* também aponta para a retórica, mas agora a da metáfora. Seria de Historiador o título “As Duas Margens do Rio”, mas trivial, enquanto a metáfora aponta directamente para o terreno literário expresso pelo insólito de um espaço fazer sombras. Por redução da metáfora “sombras”, a metonímia e a sinédoque reaparecem para conotarem os seus efeitos semânticos (conotados por sombras) que significam, num caso, as diferenças etno-culturais dos dois espaços naturais separados pelo rio Zambeze e, no outro, em sentido oposto, a rasura dessas diferenças por reunião das diferenças no espaço artificial (não natural) do país Moçambique.

No plano da lógica modal pode-se dizer que, em vivências humanas, a sinédoque engendra a inquietação das consciências obrigadas a serem isto e aquilo artificialmente, com o receio do futuro ainda desconhecido, enquanto a metonímia exprime a angústia das consciências impedidas de serem isto ou aquilo naturalmente, com a nostalgia da segurança do passado.

No mapeamento dos referentes geográficos, a metonímia das regiões distinguidas pelo Zambeze submete-se à sinédoque geral que converte as regiões em vários países, Moçambique, Zimbabwe, Zâmbia. A nível abstracto as soberanias dividem os homens por agrupamentos nacionais, político e militares e, a nível concreto, em condições de se baterem em nome de realidades por vezes efémeras ou alheias a valores etno-culturais.

Tudo isto se encontra problematizado na travessia do texto, na sua história, não obliterando, antes valorizando, o lado da questão que se opõe aos enredos políticos, a vivência desses enredos factuais pelas personagens. E é também neste ponto que o Autor deixa pressentir a sua presença, ao trocar a objectividade do historiador pelo enfoque na subjectividade das personagens ou, melhor, figuras que procuram afrontar o debate entre os sentidos da pertença à comunidade de matriz etno-cultural e a tendência para a individuação por pertença a este ou aquele país.

As fronteiras demarcam o sentido da individuação legal do país, da estranheza que assim se produz, p. ex., num encontro de poder (ou Poder):

Encaram-se, os dois militares, e suspeitam imediatamente um do outro. Zvobo, do porte desalinhado do comissário (desconhece as tantas e tão inesperadas canseiras por que ele passou nos últimos dias). Meia-Chuva, daquele impecável uniforme “pingo-de-chuva” que lhe suscita mais despeito do que temor e lhe lembra outros tempos e outras circunstâncias. (*id.*, p. 140)

Assim acontece na ordem do Estado político, ao mesmo tempo que a comunidade da vida, no pequeno mundo diário, incita à práticas quotidiana das relações comuns, como no caso do comércio de produtos da terra, com os camponeses moçambicanos a venderem os seus produtos a Mama Mère, congoleza instalada em Feira, na Zâmbia.

Mas ainda assim em debate de consciências que vivenciam os sentidos de respeito pelas tradições e o gosto pelas modernidades, caso do recurso a que se deita mão em situação de doença (para a teoria modal, a “reunião” promovida pela sinédoque acima referida é logicamente contraditória por englobar os opostos, p. ex., desejar a tradição, o passado, e ao mesmo tempo as inovações, o futuro):

É sempre a mesma coisa: as pessoas andam de roda da enfermeira Inês à procura de coisas novas, desprezando a tradição. Não é que o nganga seja avesso ao progresso. Afinal, ele próprio foi há dias pedir à enfermeira Inês que lhe curasse uma ferida feia que um prego lhe fez no pé. (*id.*, p. 28)

Em Leónidas Ntsato configura-se uma personagem ainda pouco mais do que um agente, que problematiza a consciência do embate entre diferentes partes, em níveis de realidade diferente, como (*id.*, p. 12, 127), a gnosiologia da crença, a ordem de valores consuetudinários (passado), e o direito positivo e o fascínio pelo progresso (futuro).

Nesta interpretação de Leónidas Ntato no papel de agente à procura do estatuto de personagem encontram-se implícitas algumas das questões que ficaram em aberto mais acima. A primeira é suscitada pelo lexema da badana, “divididos”. Ou, dito em outra formulação, deriva do ponto de vista que leva à aplicação do temo “divididos”, caso que pode facilmente esclarecida por um exemplo bem conhecido. Diz-se do Presidente dos Estados Unidos da América que é o primeiro Presidente negro do país, sabendo-se que o filho de pai negro e de mãe branca é mestiço.

Sendo biologicamente mestiço, ser tomado por negro, logo não branco, em vez de por branco, logo não negro, é um caso que depende do ponto de vista na orientação dos sentidos possíveis da mesma realidade. E assim também na ordem do texto de que nos ocupamos. Considerar as “personagens” do ponto de vista de “divididas” consiste em

descrever as vivências “psicológicas” delas por identificação com o passado (domínio da metonímia) mas (sublinhamos o “mas”) já seduzidas pelo futuro. Em sentido oposto, o ponto de vista adoptado descreve a “personagem” como subjectividade “incoerente”, que vivencia as realidades já atraída pelo futuro (domínio da sinédoque) e (sublinhamos o “e”) ainda prisioneiro do passado.

Notemos que o primeiro ponto de vista, dominado pela metonímia, pertence à lógica do dilema, «isto “ou” aquilo», enquanto o segundo ponto de vista, dominado pela sinédoque, pertence à lógica da contradição, «isto “e” aquilo», sublinhando o facto de o primeiro ponto de vista tender para a dialéctica vectorial (idealista) e o segundo ponto de vista tender para a dialéctica em espiral (materialista).

Em vez da continuidade lógica de uma história com início, desenvolvimento e conclusão, o texto deixa-se envolver pelos “boucle” de abertura e de fechamento do texto das páginas 12 e 257. Entre os limites da sua circularidade formal desenvolve-se o enunciado narrativo que converte o agente, protagonista, num projecto de personagem problemática (nos termos propostos por Luckacs) implicada no processo resolutivo das tensões humanas suscitadas pela sinédoque figurativa do país, que sincretiza as nações no horizonte do Estado.

Não sendo um contador de histórias, o Autor domina a arte da palavra para com ela engendrar uma poeticidade que transfigura a realidade num real a ser contemplado:

“Chega à varanda já quase sem fôlego [...] aproximação da noite. O cacimbo” (p. 236).